

história representa o que não é mensurável, o sofrimento psicológico, os traumas. É difícil imaginar o que leva uma criança a deixar de falar. O que é que ela terá visto? Que atrocidades terá presenciado? Abalou-me muito. Aquele olhar vazio. Comparo duas imagens que são icónicas, uma mais conhecida do que outra, e que inverteria a importância: ninguém se esquece da criança síria morta na praia da Grécia, a morte é a consequência mais triste seja do que for. Mas é mais representativo do quão cáusticas são as consequências da guerra, a imagem de uma criança síria que é encontrada empoeirada e ensanguentada, fotografada dentro de uma ambulância. Parece um rapazinho, terá três ou quatro anos. Está vivo, aparentemente ileso, o sangue não era dele. Mas percebemos naquele olhar que está completamente desprovido de emoções. É um coração que bate, a pessoa não existe. Sendo as crianças tão puras a sentir e a perceber a vida, a imagem desta criança em Mossul representa o vazio, está a mostrar-nos o que viu. Foi muito forte o que senti.

Há lugar para a felicidade em zonas de conflito? É uma pergunta difícil. [Com a pandemia] estamos a viver um momento em que o nosso tabuleiro foi abanado, percebemos que a vida pode mudar de um dia para o outro. E a nossa mudança foi muito pequenina à semelhança do que é um país que entra em guerra de um momento para o outro. Ninguém é feliz com medo de morrer ou quando os familiares são colhidos por bombas e tiros, há um sofrimento imensurável. Mas, ao mesmo tempo, percebe-se que na simplicidade há uma certa magia que desconhecemos e que deveríamos aprender. Mas é muito diferente comparar a guerra do Afeganistão, que existe há 40/50 anos, a do Congo, que existe há 25, com a do Iémen que tem 4/5 anos e onde se sente um sofrimento muito agudo. Quando estive na Síria a guerra tinha começado há três anos e é muito diferente quando as pessoas sentem alternância do normal para o anormal. Essa pergunta mistura muita coisa, a resposta não é fácil. Somos movidos por paixão e

a que as pessoas têm à família, à pátria, às causas que defendem pode ser motivo por si só de os fazer felizes, mas uma guerra é sempre triste.

Como é que se define o pior de uma guerra? O mais duro é a morte? Não sei se tenho direito de responder, entro e saio. Sou um turista, ainda que viva as coisas na primeira pessoa, seria injusto se dissesse que sei o que estão a passar. Nada substitui perder alguém, perder a esperança, a impotência perante a desumanização que lhes é imposta. A questão dos refugiados é triste, o desespero da fuga de tudo o que lhes é mais valioso é representativo do que se passa na cabeça dos que sofrem com um conflito.

E na sua, o que se passa? Incomoda-me a injustiça. As pessoas não sofrem porque são pobres, mas pela desigualdade. Quem anda nestes mundos sofre pela discrepância dos padrões de felicidade serem tão diferentes de um mundo para o outro.

Este 'mundo dos ricos' é egoísta? Não há outra forma de ver a questão. Mais não seja nas atenções, na forma como percebe o sofrimento. Esta pandemia é definidora disso.

Em que sentido? À escala global é um problema dos ricos. Só tem interferência nos pobres por consequências indirectas. A letalidade que este vírus tem não acrescenta muito, ou nada, aos problemas gravíssimos de saúde, pobreza e fome, em muitas zonas do planeta.

O que é que a pandemia veio expor? Expõe a nossa hipocrisia porque é um problema comum mas que não é bem global. Dizemos que todos os seres humanos são iguais, mas não são porque tentamos proteger a vida dos nossos quando estamos indiferentes à vida de tantos outros. Esta percepção de igualdade do vírus também tem fronteiras. Há doenças muito mais graves que são tratáveis, acontecem há anos, e que não colmatadas porque não temos interesse. O que fazemos é insuficiente. Infelizmente, [a pandemia] veio, de alguma forma, exponenciando o nosso egoísmo enquanto indivíduos e sociedade. Sentimo-nos ameaçados e a reacção foi fecharmo-nos. Pela estratégia de contágio, que obviamente tem sentido do ponto de vista científico, e pela reacção do ser humano:

AS PESSOAS NÃO CONSEGUEM MAIS DEIXAR DE COMETER EXCESSOS E RISCOS. NÃO AS CONDENO

perante stress salva-se a si próprio.

Portanto, o discurso que surgiu sobre a pandemia nos ter feito olhar para o outro é hipócrita? É mentira. Saímos menos à rua e estamos menos com o outro. Somos seres de ligações, de afectos e isso não se substitui pela televisão e pela internet. Vermos menos as outras pessoas torna-nos menos empáticos. Isto é verdade numa comunidade e a nível global. O facto das pessoas viajarem menos faz com que a percepção de humanidade diminua. Certamente na Madeira sentem-se mais longe de Portugal Continental e vice-versa. As pessoas estão mais longe e em termos planetários vai ter consequências catastróficas. Espero que sejam temporárias, que seja um tropeção no que devia ser uma evolução positiva da facilidade em comunicarmos, em nos tocarmos enquanto povos diferentes. Mas é sem dúvida um retrocesso para a humanidade em termos de empatia global.

Está no Hospital Pedro Hispano, em Matosinhos, a combater a pandemia. Não gosto muito dessa expressão, mas estou.

Por que razão não gosta? Estou a fazer o meu trabalho. Combater... não gosto. Percebo que seja utilizada, mas estas analogias bélicas faz-me... não me quero repetir, mas sublinhar o quão injusto é o mundo. É verdade que as pessoas assumiram riscos no trabalho e as emoções foram muito fortes, mesmo para uma pessoa como eu que já teve muitas

emoções noutros locais, mas é injusto comparar isto a um conflito.

Como descreveria o seu trabalho neste contexto? Como é que Portugal está a lidar com a covid-19? É comum a todos os povos do planeta, é exigente. A doença é extremamente difícil nos casos graves. O tratamento é longo, é cansativo para os profissionais, para os doentes também, ficam isolados. Mas confesso que estou mais preocupado com as consequências na sociedade, o desemprego, ficar sem casa, sem alimentar os filhos... Não estou a criticar, não sei o que está certo ou errado, mas preocupa-me, a nível nacional, mas mais a nível internacional, as consequências indirectas. Nunca desvalorizando a gravidade da doença nem abrindo espaço para teorias de estupidificação da negação da ciência. Esta doença é gravíssima, imprevisível, desconhecida e super desafiante por ser contagiosa.

Internacionalmente, está mais preocupado com as consequências em países subdesenvolvidos? Nos dois. E no nosso país. A projecção de que será a pior crise económica desde o 'crash' de 1929, assusta-me. A previsão é de que a fome aumente de 130 para 260 milhões, só até ao final de 2020. São consequências catastróficas e que têm que ser medidas pelo impacto directo, que se pode traduzir em empregos, fome ou outras doenças que não são tratadas, mas também por uma questão filosófica que tem a ver com a felicidade. Estamos infelizes. Globalmente, estamos tristes. Talvez por isso haja tanto desespero e vontade de interpretar a doença e até negá-la. Não concebo a vida sem felicidade, as pessoas têm de ser felizes, viver com medo de morrer não é viver. As pessoas correm os mesmos riscos que corriam há um ou dois meses, não conseguem mais deixar de viver e vão cometendo alguns excessos. Sinceramente, não condeno. É muito difícil democratizar todas estas decisões.

A pandemia mudou o modo de actuação dos Médicos Sem Fronteiras? Os MSF dependem, no essencial, de voos comerciais e não ser possível enviar profissionais limita a acção. Muitos profissionais foram absorvidos pelos próprios países. A longo prazo vai haver uma retracção nos

donativos, que se vai traduzir em projectos, hospitais e em vidas. O princípio humanitário, vai sofrer com esta crise económica.

Lançou o '1001 Cartas para Mossul' e o 'Mundo Precisa de Saber'. Tem planos para mais livros? A história da criança que falámos não está em nenhum livro. Quero transmitir reflexões humanitárias - tristes, alegres - para que as pessoas sintam ímpeto de fazer qualquer coisa. Tenho vontade de construir histórias ficcionadas, baseadas na realidade, que possam ser inspiradoras sobre a intervenção na humanidade.

Por falar em inspiração, escreveu num texto que "à maldade se responde com humanidade" a propósito dos enfermeiros que tratavam dos membros do Estado Islâmico. Escreveu também que foi "a coisa mais bonita que viu até hoje". Uma pequenina nota introdutória que nunca será próxima do que seria suficiente para explicar as maldades que o Estado Islâmico (EI) fez ao povo no Norte do Iraque, na região de Mossul, em algumas regiões da Síria... Aquilo que este grupo fez vai além de um conflito normal. É uma expressão de maldade que é difícil encontrar paralelo. Não é um caso isolado, mas é dos piores que nos aconteceram nos últimos anos. Não percebo árabe, ninguém fez mal à minha família e tenho uma mal distância destes criminosos. Mas os enfermeiros, os médicos iraquianos que trabalhavam comigo têm, todos eles, pessoas que foram torturadas, mortas, crianças, mulheres... É difícil contar as histórias das maldades que foram feitas. E estas mesmas pessoas conseguiram ser humanas para com alguns dos elementos do EI que vinham parar ao hospital. Obviamente era-lhes difícil esta gestão de emoções, mas interpreto como a grande solução para todos os males do mundo: nunca nos podemos agarrar ao mal que nos foi feito, temos de responder com bondade, na medida do possível. Saber dar bondade em resposta à maldade. Sei que é muito bonito de ser dito e muito difícil de pôr em prática, mas foi uma das maiores inspirações: aqueles enfermeiros conseguiram, num trabalho difícil, de proximidade de enfermagem. É uma lição de vida.



O médico já participou em 13 missões humanitárias, distribuídas por Moçambique, Congo, Paquistão, Afeganistão, Síria, Rep. Centro Africana, Iraque, Burundi, Iémen, Palestina e Sudão do Sul.